

# I SIMPÓSIO INTERNACIONAL MÉTIS

*Artes e semânticas da  
criação e da memória*



**7 - 9 AGO. 2024**

*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas - USP  
Prédio da Ciências Sociais, sala 24*

## **Comissão científica**

Ana Claudia Duarte Rocha Marques (DA – USP)  
Amanda Horta (DA – UFSCar)  
Beatriz Judice Magalhães (IEB – USP)  
Dé Leonel Soares (DA – USP)  
Fernanda Arêas Peixoto (DA - USP)  
Gabriel Guarino de Almeida (DA – USP)  
Jorge Mattar Villela (DA – UFSCar)  
Lucas Marques (DA – USP)  
Rafael do Nascimento Cesar (DA – USP)  
Renan Martins Pereira (DA – USP)  
Stelio Marras (IEB – USP)  
Uirá Felipe Garcia (DCS – UNIFESP)

## **Comissão organizadora**

Ana Claudia Duarte Rocha Marques (DA – USP)  
Amanda Horta (DA – UFSCar)  
Beatriz Judice Magalhães (IEB – USP)  
Dé Leonel Soares (DA – USP)  
Fernanda Arêas Peixoto (DA – USP)  
Joaquim Pereira de Almeida Neto (PPGAS – USP)  
Lucas Marques (DA – USP)  
Rafael do Nascimento Cesar (DA – USP)  
Renan Martins Pereira (DA – USP)



O *I Simpósio Internacional Métis* (SIM) integra o Projeto Temático Fapesp *Artes e semânticas da criação e da memória* (Processo nº 2020/07886-8), dedicado a investigar as múltiplas concepções da noção de criação, explorando deliberadamente a sua polissemia e as relações que ela estabelece com a memória. Seguindo essa trilha, o I SIM visa facilitar o diálogo entre pesquisas atentas aos entrelaçamentos entre criação e memória.

Como as práticas de criar crianças, animais e plantas, as técnicas associadas aos fazeres artísticos, a luta pela retomada de territórios e o enfrentamento das mudanças climáticas convidam-nos a repensar dicotomias presentes no pensamento ocidental, como a natureza e a cultura, o dado e o construído, o sujeito e o objeto, o masculino e o feminino? A partir dessas inquietações centrais, e animado pelo desejo de transcender províncias e fronteiras disciplinares, o I SIM busca promover o encontro entre profissionais de diferentes subcampos e tradições no interior da antropologia, bem como acolher pessoas de outras áreas do saber, cujas perspectivas contribuam para uma produção de conhecimento crítica e sensível aos diversos modos de criar e habitar mundos.

Concebido a partir de quatro eixos principais – artes, ecologia, parentesco e política –, o I SIM prevê duas Conferências, uma na abertura, outra no encerramento do evento, e quatro Encontros Transversais (ET). Espera-se que cada apresentação explore, com base em exemplos etnográficos e análises teóricas, aspectos relacionados à ideia norteadora do Simpósio. Nesse sentido, é desejável o esforço de articulação entre pesquisas a princípio pertencentes a especialidades distintas, mas que possam iluminar-se mutuamente a partir de um entendimento expandido das noções de criação e memória. O caráter experimental do formato adotado, que a ideia de “encontros transversais” busca concretizar, visa não só cruzar, misturar e metamorfosear os eixos temáticos, mas também desdobrar novos interesses e perspectivas, em âmbito nacional e internacional, resultando em um evento que possa contribuir para ultrapassar fronteiras convencionais da produção de conhecimentos em antropologia.

# Programa do Simpósio



07/08 (quarta-feira)

## 9h30 -12h30

Saudação de boas-vindas: Fernanda Arêas Peixoto (USP), Ana Claudia Marques (USP), Jorge Mattar Villela (UFSCar), Uirá Felipe Garcia (UNIFESP), Stelio Marras (USP)

**Fernanda Arêas Peixoto** (USP).  
*Métis - Linhas de um projeto coletivo*

Conferência: **Natália Quiceno Toro**  
(Universidad de Antioquia, Colômbia).  
*Bordar el Atrato. Vidas ribereñas posibles en el Pacífico Colombiano*

## 14h30 - 18h

Encontro Transversal I – *Arte e Antropoceno*

Como arte e antropologia podem dialogar, crítica e criativamente, no contexto atual de crise ecológica planetária? Frente à emergência climática contemporânea, qual o papel da memória nos processos de criação artística, visual, estética, literária, ficcional, imaginativa e etnográfica? Formas particulares de criar e fazer arte, etnografia e política na era do Antropoceno serão objetos de debate neste ET.

**Júlia Vilaça Goyatá** (UFMA). O jardim de Guyodo ou a arte dos escombros no Haiti contemporâneo

**Ruy Cezar Campos** (UERJ). Forças da terra, infraestruturas e práticas artísticas

**Guto Nóbrega** (UFRJ). Outras inteligências

Moderação: **Uirá Felipe Garcia** (UNIFESP)

# Programa do Simpósio



08/08 (quinta-feira)

## 9h30-12h30

Encontro Transversal II – *Gêneros da criação*

O que as técnicas do bordado, a escrita (auto) biográfica, o preparo de alimentos e a reativação das relações de parentesco podem dizer das formas de se criar e fazer política? Como elas interpelam noções hegemônicas de masculino e feminino corporificadas em contextos particulares? As apresentações deste ET terão como foco a relação entre criação e gênero, buscando levar a dicotomia masculino e feminino para além dos antagonismos binários que estruturaram o pensamento ocidental.

**Lux Ferreira Lima** (Unicamp). Em verdade, em verdade vos digo: transtornando regimes de visibilidade e representação

**Thaís Fernanda Salves de Brito** (UFRB-Santo Amaro). Bembé do Mercado: costura e culinária como um ato de liberdade e política

**Yara de Cássia Alves** (UEMG). A artesanaria do ‘assuntar’: conhecimento e memória na criação dos filhos e do parentesco em comunidades quilombolas mineiras

Moderação: **Ana Claudia Duarte Rocha Marques** (USP)

## 14h30 – 18h

Encontro Transversal III – *Retomada, luta e memória*

Este ET busca estabelecer um diálogo sobre os modos e meios de saber, fazer e cuidar mobilizados nas múltiplas lutas políticas, práticas emancipatórias e insurgências em defesa da vida que marcam o presente global. Como e em quais corpos e paisagens se articulam as dimensões criativas de cada um destes movimentos de resistência? Qual o lugar da memória na composição de futuros possíveis?

**Ana Carneiro** (UFSB). Um “nós” perturbando fronteiras: entrelaces criativos e agenciamentos políticos da cozinha na luta em defesa da Resex Marinha de Canavieiras-BA

**Felipe Tuxá** (UFBA). São as autodemarcações recusa? Imaginando o futuro junto à comunidade Tuxá do Rio São Francisco

**Rosinalda Correia** (UFTO). Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa

Moderação: **Jorge Mattar Villela** (UFSCar)

# Programa do Simpósio



09/08 (sexta-feira)

## 9h30-12h30

Encontro Transversal IV – *Política, técnica e criação*

Técnicas de reprodução animal, de pesca artesanal e de manejo da água podem iluminar modos criativos de fazer política? Se um certo discurso dominante sempre buscou separar técnica e política, tomando-as como categorias antitéticas, o objetivo deste ET, por outro lado, é fazer com que uma se deixe contaminar etnograficamente pela outra. As etnografias apresentadas possibilitam pensar agenciamentos técnicos e políticos, por exemplo, entre criadores de gado, pescadores artesanais e quilombolas. A partir de diferentes realidades sociais, como a técnica e a política contribuem para os processos de criação de mundos?

**Natacha Simei Leal** (UNIVASF).  
*Criação, água e parentesco: trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI.*

**Gabriel Coutinho Barbosa** (UFSC).  
*Escolhas e inovações (cosmo)técnicas na pesca artesanal em Santa Catarina e Rio Grande do Norte: sobre a propulsão de jangadas e canoas*

**Felipe Sussekind** (PUC/ RJ). *Rio dos Macacos: percursos históricos e socioambientais no Horto Florestal*

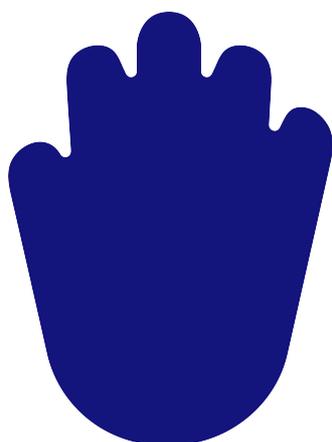
Moderação: **Stelio Marras** (USP)

## 14h30 - 18h

Conferência: **Luísa Reis de Castro** (Universidade do Sul da Califórnia).  
*Uma (futura) ecologia da história: mosquitos modificados no Brasil e além*

# RESUMOS

## *Conferências*



## ***Bordar el Atrato. Vidas ribereñas posibles en el Pacífico Colombiano***

Natalia Quiceno Toro

La Sentencia T622 del 2016 que declara el río Atrato sujeto de derechos es el resultado de una articulación de autoridades étnico-territoriales en toda la cuenca del río Atrato para garantizar los derechos “a la vida, a la salud, al agua, a la seguridad alimentaria, al medioambiente sano, a la cultura y al territorio de las comunidades étnicas”. Las mujeres artesanas del grupo Choibá en la ciudad de Quibdó desde su hacer textil se ensamblan a la contingencia vital de cuidado del río desde su taller de costura. Su trabajo le ha permitido crear nuevos vínculos, redes de apoyo y contestar las prácticas racistas que las han excluido y discriminado en su situación de víctimas de destierro y despojo en el contexto del conflicto armado. Aquí presento las narrativas sobre vidas ribereñas propuestas en los textiles y sus procesos de creación para acercarme a las "ecologías del duelo" entendidas como entramados de prácticas estéticas y rituales que crean poéticas de reparación y cuidado para seguir con la vida sin dejar atrás la pérdida, habitando lo que ha sido dañado. Se trata de acercarnos a las formas como estas artesanas traen al presente la vida ribereña destruida y la reivindican como posible, como deseable a través de prácticas reparadoras tanto en el sentido de prestar atención como de recuperación.

**Natalia Quiceno Toro** é professora e pesquisadora do Instituto de Estudos Regionais da Universidade de Antioquia, onde atualmente coordena o grupo de pesquisa “Cultura, violência e território”. Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora do livro *Vivir sabroso. Luchas y movimientos afroatrateños en Bojayá, Chocó* (2016).

## ***Uma (futura) ecologia da história: mosquitos modificados no Brasil e além***

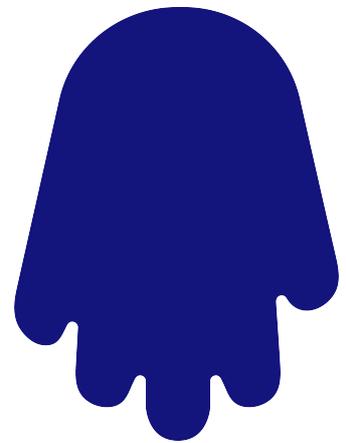
Luísa Reis de Castro

No Rio de Janeiro, foram liberados *Aedes aegypti* infectados com a bactéria *Wolbachia*, micróbio que reduz a capacidade vetorial do mosquito. Devido ao longo – e frustrado – esforço de controlar o *A. aegypti* no Brasil, a equipe do projeto *Wolbachia* caracterizava o país, especialmente o Rio, como local ideal para testar sua estratégia. Ademais, eles argumentavam que, considerando a possível expansão do inseto devido às mudanças climáticas, as ecologias de mosquitos no Brasil prenunciariam o que está por vir em outros lugares, principalmente Europa e Estados Unidos. Baseado em trabalho de campo com o projeto *Wolbachia*, analiso de que maneira cientistas e técnicos instrumentalizavam relações historicamente constituídas entre humanos, mosquitos e vírus para reimaginar possíveis futuros multiespécie. Ou seja, investigo como a “ecologia da história” do Brasil (cf. Landecker 2016) é entendida como futuro-em-construção alhures. Ao propor o conceito de uma (futura) ecologia da história, busco repensar as relações espaciotemporais entre o “Norte Global” e o “Sul Global” no contexto das transformações planetárias.

**Luísa Reis de Castro** é *Assistant Professor* do Departamento de Antropologia da University of Southern California (USC). Em 2021, concluiu seu doutorado em História, Antropologia, e Ciência, Tecnologia e Sociedade (HASTS) no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Sua pesquisa investiga projetos tecnocientíficos no Brasil que, ao invés de combater o *Aedes aegypti*, mobilizam o inseto para lidar com os vírus que ele é conhecido por transmitir (zika, dengue, chikungunya e febre amarela). Utilizando métodos de pesquisa etnográficos e históricos, ela indaga o que esses projetos podem nos dizer sobre a geopolítica da produção de conhecimento em um mundo interdependente e desigual cada vez mais afetado pela ação humana.

# RESUMOS

*Encontro Transversal I  
Arte e Antropoceno*



## ***O jardim de Guyodo ou a arte dos escombros no Haiti contemporâneo***

Júlia Vilaça Goyatá

Esta comunicação pretende retomar um exercício analítico realizado anteriormente (Peixoto & Goyatá, 2020) no sentido de pensar o trabalho do artista haitiano Guyodo e suas esculturas realizadas com materiais de descarte, que se acumularam na capital Porto Príncipe especialmente após o terremoto de ampla magnitude que assolou o país em 2010. Tomando uma visita realizada ao espaço de criação dos *Atis Rezistans* em 2016, e recuperando um material de catálogos, vídeos e textos curatoriais sobre o grupo de artistas da qual Guyodo faz parte, pretendo pensar sua criação em relação, mas não em função, da hecatombe climática e social haitiana contemporânea. Tomando as reflexões do artista em torno de seu próprio ofício e de seu espaço de criação, segundo ele, “um jardim de artistas”, procurarei refletir sobre a criação e a destruição, a invenção e o cultivo, saindo das trilhas que veem a arte haitiana como representação da fragmentação histórica e política do país e imaginando, junto a Guyodo, os horizontes de uma arte dos escombros produtora da vida.

**Júlia Vilaça Goyatá** é professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), coordenadora adjunta do grupo de pesquisa MARES (Religião, arte, materialidade, espaço público: grupo de antropologia) e membra do ASA (Artes, saberes e antropologia). É autora do livro *Georges Bataille e Michel Leiris: a experiência do sagrado* (2016) e desde a graduação trabalha em pesquisas nas áreas da história e teoria antropológicas, envolvendo a interlocução entre antropologia, história e arte e a produção de objetos, arquivos e museus.

## ***Forças da terra, infraestruturas e práticas artísticas***

Ruy Cezar Campos

Práticas artísticas têm desempenhado um relevante papel nos estudos de infraestrutura, um campo em que atores de diversas disciplinas se dedicam a compreender os imaginários, materialidades, memórias, afetos e dinâmicas de poder que estão embutidos em sistemas críticos cujas operações em rede a sociedade depende. Em um presente marcado pela necessidade de adaptação dos modos de vida aos riscos que se manifestam em eventos climáticos disruptivos cada vez mais frequentes, a apresentação buscará desenvolver uma atenção crítica para os posicionamentos criativos de práticas e pesquisas artísticas que aproximam a percepção das infraestruturas com a percepção ambiental e climática.

**Ruy Cezar Campos** é doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado no PPG Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio de bolsa CNPq/FAPERJ. Participou de exposições como 17<sup>o</sup> Verbo, 13<sup>o</sup> Bienal de Havana, *Take me to the river* (Hamburger Bahnhof e online), Bienal de Arte Digital, 28<sup>o</sup> Mostra Sesc de Arte da Juventude (premiado), 69<sup>o</sup> Salão de Abril, Campos de Invisibilidade (Sesc Belenzinho), dentre outras.

## ***Outras inteligências***

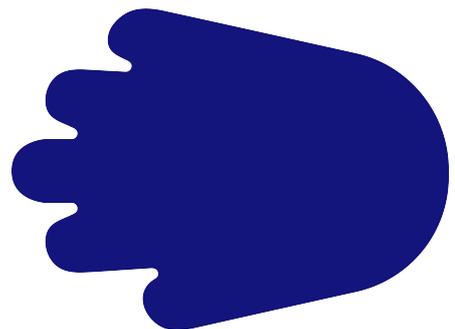
Guto Nobréga

A inteligência e memória das plantas têm sido foco de interesse científico desde o início do século passado, mas vêm ganhando notabilidade nas últimas décadas, à medida em que pesquisadores do campo da neurobiologia vegetal têm demonstrado, teórica e empiricamente, a fascinante capacidade das plantas de se comunicarem e apresentarem uma forma própria de sensibilidade e inteligência, pautada em um sistema radicular de troca de informação. Por sua vez, numa perspectiva ainda mais remota, enraizada em nossa ancestralidade, a cosmovisão dos povos indígenas nos desafia a experimentar a sabedoria das plantas mestras através de rituais xamânicos para expansão de nossa própria consciência. Entre o universo da fisiologia vegetal científica e a dimensão sutil das plantas de poder da cultura xamânica, a arte, no exercício de sua função criadora de mundos, especula sobre formas hiperorgânicas de existência, que conjugam, de maneira híbrida, a inteligência sutil das plantas à inteligência artificial das máquinas como formas de abertura ao sensível.

**Guto Nóbrega** é doutor em artes interativas pelo programa The Planetetary Collegium - Universidade de Plymouth - UK (2009). Pós-doutor em Arte e Tecnologia pelo PPGAV/ UnB (2019). É professor associado na Escola de Belas Artes /UFRJ, membro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ e da UnB e atua como Vice-Decano do Centro de Letras e Artes / UFRJ. Fundou e coordena, junto com a profa. Malu Fragoso, o NANO - Núcleo de Arte e Novos Organismos. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

# RESUMOS

*Encontro Transversal II*  
*Gêneros da Criação*



## *Em verdade, em verdade vos digo: transtornando regimes de visibilidade e representação*

Lux Ferreira Lima

Os últimos anos foram marcados pela enunciação da “visibilidade trans” - mobilizada para apontar a persistência de um tema, a profusão midiática de imagens, o fortalecimento do ativismo e a conquista de espaços na política institucional. Também foram anos marcados por projetos e por uma racionalidade de inimizade antitrans. Diante desse cenário, proponho aprender com autobiografias como pessoas autoras navegam entre celebração e política, manejam campos discursivos e tensionam as categorias “visibilidade” e “representação.” Como lidam com expectativas de inteligibilidade de um público leitor cis? Quais são as manobras de captura do trânsito de gênero em reação a convenções de entendimento de transexualidade e travestilidade? Proponho que sigamos as estratégias diferenciais de retratar empreendidas nestes livros: seus jogos de disputa de real; suas evidenciações e desnaturalizações de processos de enquadramento; e o questionamento de assimetrias de poder que sustentam a relação entre quem é representado e quem observa a representação.

**Lux Ferreira Lima** é mestre e doutore em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professore colaboradore e realiza pesquisa de pós-doutorado sobre pensamento social trans na Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É pesquisadore vinculade à Rede de Estudos Trans-Travestis, ao Coletivo de Estudos (In)Disciplinares do Corpo e do Território (CÓCCIX) e ao Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS), estes dois últimos da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas na articulação entre Antropologia, Estudos Trans e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: produção de conhecimento, escrita, estética e política, e marcadores sociais da diferença.

## ***Bembé do Mercado: costura e culinária como um ato de liberdade e política***

Thais Fernanda Salves de Brito

Em 2019, o IPHAN reconheceu a Bembé do Mercado como Patrimônio Imaterial do Brasil, uma celebração afro-brasileira que marca a abolição da escravatura. Realizada anualmente em Santo Amaro (BA) há 135 anos, a festa amplia a territorialidade dos rituais do candomblé. Embora aparentemente masculina, ela destaca a importância das mulheres, que desempenham papéis essenciais na sua realização, trazendo atividades domésticas para o espaço público. As comidas volitivas são fundamentais para o sucesso do evento, oferecidas em elaborados rituais e alimentando os participantes. A indumentária reflete preparação espiritual e política, combinando referências coloniais e africanas, além de contar histórias sobre a resistência à escravidão. Em resumo, alimentação, vestimenta e ritual formam um cenário intrigante de resistência política.

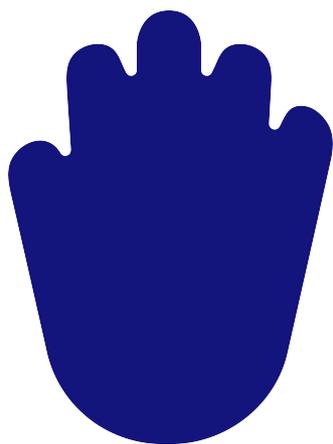
**Thais Fernanda Salves de Brito** é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutora em Antropologia Social (FFLCH-USP). Possui mestrado em Ciências Sociais (PUC/SP 2001). Realizou estágio pós-doutoral em Antropologia Social (FFLCH-USP). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Mesclas e do Massapê - Programa de Educação Patrimonial, onde está alocado o Projeto Bordando a Cidade. É parte do corpo de editores da Revista Trilhos.

## ***A artesanaria do ‘assuntar’: conhecimento e memória na criação dos filhos e do parentesco em comunidades quilombolas mineiras***

Yara de Cássia Alves

O propósito desta apresentação é analisar a artesanaria do *assuntar* entre os quilombolas das comunidades de Macuco, Pinheiro, Gravatá e Mata Dois, localizadas no Vale do Jequitinhonha-MG. Próximo a uma atividade de pesquisa, o *assuntar* pode ser entendido como uma prática de conhecimento exploratório, na qual as pessoas se engajam na observação e interpretação de sinais, *rastos*, movimentos, dentre outros. No campo do parentesco, *assuntar* é central na criação dos filhos e requer um olhar atento, treinado para identificar presenças na composição sanguínea, fundamentais para direcionar as maneiras como a criação será orquestrada. O foco de interesse da apresentação estará nas práticas mnemônicas que permitem o desenvolvimento dessa artesanaria, bem como seus desdobramentos.

**Yara de Cássia Alves** é professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Passos). Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, desenvolve pesquisas relacionadas aos povos quilombolas e coletivos negros do estado de Minas Gerais. É membra do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades (Hybris/USP) e do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP/Museu Nacional).



# RESUMOS

*Encontro Transversal III  
Retomada, Luta e Memória*

***Um “nós” perturbando fronteiras: entrelaces criativos e agenciamentos políticos da cozinha na luta em defesa da Resex Marinha de Canavieiras-BA***

Ana Carneiro

Esta fala examina a composição de um “nós” internamente heterogêneo, tensionado o equívoco que se forja no processo da escrita coletiva reunindo mulheres lideranças marisqueiras de Belmonte-BA e uma professora-etnógrafa interessada nas implicações políticas do enlaçamento entre corpo, memória e território – sendo estes entendidos como mutuamente constituídos através das práticas femininas de criação e cuidado na cozinha. A proposta de construção narrativa conjunta deu-se a partir da demanda da associação das marisqueiras, diante da universidade, por uma parceria em prol da valorização social de suas atividades, e de seu pescado, no contexto da Reserva Extrativista Marinha de Canavieiras da qual elas fazem parte. Tal co-criação textual visa a publicação na plataforma online intitulada Centro de Documentação e Memória do Sul da Bahia, criada por pesquisadores da UFSB, e pretende perturbar a divisão nós/eles, fundadora da prática etnográfica, ao questionar: que sujeito político e que relação de conhecimento podem emergir dessa escrita?

**Ana Carneiro** é professora adjunta do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da UFSB. Autora do livro *O povo parente dos Buracos: sistema de prosa e mexida de cozinha* (E-Papers, 2015) e coorganizadora da coletânea *Casa, corpo, terra e violência: abordagens etnográficas* (7Letras, 2022), entre outras publicações. Integra o Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), o Núcleo de Gênero e Ruralidades (GERU) e o Núcleo de Antropologia Simétrica (NanSi).

## ***São as autodemarcações recusa? Imaginando o futuro junto à comunidade Tuxá do Rio São Francisco***

Felipe Tuxá

Os agenciamentos indígenas voltados para reaver territórios expropriados são fenômenos da maior importância para a compreensão dos projetos societários desses povos. Embora cada povo possua estratégias específicas, é extremamente rico olhar analiticamente para as aproximações e distanciamentos possíveis na luta por terra. Na presente exposição, tomarei por referência o contexto da autodemarcação do povo Tuxá em Dzorabábé, conhecida por Aldeia Avó, em Rodelas na Bahia iniciada em 2017. A autodemarcação Tuxá é um processo marcante na história recente desse povo, que busca se reestabelecer nas margens do Rio São Francisco de onde foram removidos por conta de uma Hidrelétrica em 1988. Ao tecer a teia histórica que conduz a comunidade a reaver essa parcela de seu território, busco conectar passado, presente e futuro, evidenciando os sonhos que só se tornam possíveis de serem sonhados juntos ao Rio e os desejos para as gerações futuras, de corpos saudios, forjados desde as águas do Rio.

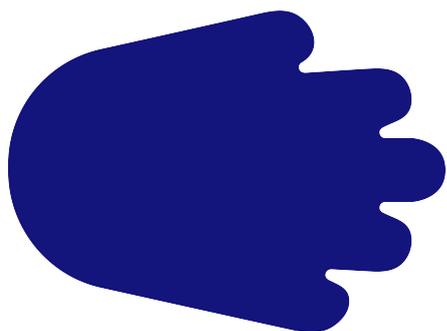
**Felipe Tuxá** é indígena do povo Tuxá da Aldeia Mãe, Rodelas na Bahia. Professor Adjunto no Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. Membro de Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos (ABIA), pesquisador da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoinme) e integrante da Comissão de Assuntos Indígenas da Associação Brasileira de Antropologia.

## ***Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa***

Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva Simoni

A existência dos remanescentes de quilombo é atravessada por questões de raça e racismo, vulnerabilidades sociais, culturais e históricas. Com isso, trago minha história pessoal enquanto quilombola, na qual perceberão muito dos discursos registrados durante minhas pesquisas de campo em quilombos pela América. Considero que o papel social de qualquer ciência e organização deveria ser a promoção de reflexões que proporcionem mudanças sociais, políticas econômicas e comportamentais, e não é diferente com a arqueologia. Estamos longe de uma arqueologia afro-centrada, no entanto a presença de afrodescendentes e indígenas na academia tem proporcionado grandes mudanças isso também no campo da arqueologia. Acredito que a arqueologia pública traz nas suas premissas esse “recado”, também chamada por Engmann Moraes de *autoarqueologia*; conceito que, quando aplicado, auxilia a compreensão dos processos de pesquisas arqueológicas e sobretudo o reconhecimento e exercício do papel social da arqueologia. Partindo deste conceito apresento algumas reflexões construídas a partir de minhas existências como preta quilombola pesquisadora arqueóloga.

**Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva Simoni** é quilombola, doutora em Ciências da Religião, mestre em Arqueologia e graduada em História. Atualmente é professora (convidada) na Universidade Federal do Tocantins (UFT), pesquisadora bolsista do PDPG-Pós-Doutorado Estratégico na Pontifícia Universidade Católica Goiás (PUC- Goiás), e doutoranda em História no PPGH-UNESP. Cofundadora da RELFET, Rede Latino-Americana e Caribenha de Pesquisadores sobre Feminismos de Terreiros, integrante da NEGRARQUEO coletivo de arqueólogos Negros.



# **RESUMOS**

*Encontro Transversal IV  
Política, Técnica e Criação*

***Criação, água e parentesco: trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI***

Natacha Simeí Leal

Esta apresentação pretende analisar a relação entre os usos e compartilhamento de água e a produção de famílias e parentesco no semiárido piauiense, em um bairro rural chamado Lagoa de Fora – localizado na cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. A partir da descrição de estratégias de compartilhamento de água em um ambiente marcado por longos períodos de estiagem e com os aportes teóricos da Antropologia Rural e de uma perspectiva alquímica da produção de parentesco (Marques e Leal: 2018), propõe uma etnografia sobre tecnologias de manejo de água (em barreiros, lagoas, poços, cacimbas, caldeirões, grotas, rios e barragens) e sua indissociável relação com a história de uma grande família, os Negreiros. Pretende mostrar a água, como substância e símbolo, que no semiárido piauiense e em especial em Lagoa de Fora, parece ser constitutiva para a produção de territorialidades, memórias e parentescos.

**Natacha Simeí Leal** é professora Adjunta do Colegiado em Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara. É docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Política, Cultura e Ambiente (PoCAM), na mesma instituição. Doutora e mestre em Antropologia Social pela USP, pesquisadora associada do Hybris e da Rede NuAP, trabalha na interface entre a Antropologia da Ciência, Antropologia da Política e Antropologia Econômica. É autora de *Nome ao Bois: Zebus e Zebuzeiros em uma pecuária de elite* (2016) e organizadora, com Ana Claudia Marques, de *Alquimias do Parentesco: casas, gentes, papéis, territórios* (2018).

***Escolhas e inovações (cosmo) técnicas na pesca artesanal em Santa Catarina e Rio Grande do Norte: sobre a propulsão de jangadas e canoas***

Gabriel Coutinho Barbosa

O ambiente e o sistema técnico de um coletivo oferecem soluções técnicas potenciais, cuja adoção ou rejeição implica uma espécie de “escolha técnica” orientada por estrangimentos materiais e socioculturais diversos. A partir de duas situações distintas de inovação técnica na pesca artesanal – de um lado, o uso conjunto de motor-de-popa com a propulsão a vela em jangadas na Paraíba e Rio Grande do Norte; de outro, controvérsias sobre o uso ou não de motor-de-popa no lugar de remos de voga em canoas de cerco de praia em Santa Catarina –, busca-se refletir sobre a complexa articulação entre fatores políticos, sociais, éticos, econômicos, etológicos, geológicos e meteo-oceanográficos em termos de “cosmotécnicas”, conforme proposição do filósofo chinês Yuk Hui (2020).

**Gabriel Coutinho Barbosa** é professor associado no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na mesma instituição (PPGAS/UFSC). É Mestre (2002) e Doutor (2008) em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, com ênfase em etnologia indígena, relações interétnicas e teoria da troca. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas - CANOA/UFSC e do INCT CNPq Brasil Plural, dedica-se atualmente aos temas de antropologia da técnica, percepção do ambiente, antropologia da paisagem, relações multiespécies, navegação e pesca.

## ***Rio dos Macacos: percursos históricos e socioambientais no Horto Florestal***

Felipe Sussekind

O Rio dos Macacos, situado na zona sul do Rio de Janeiro, tem sua nascente nas proximidades da Mesa do Imperador, dentro do Parque Nacional da Tijuca, e desemboca na Lagoa Rodrigo de Freitas, descendo a Serra da Carioca através de trechos dos bairros do Alto da Boa Vista, Jardim Botânico e Lagoa. Com uma história que remonta à formação da cidade, o rio foi alvo de diversas intervenções humanas, refletindo a complexa interação entre as águas e a urbanização. Desde seu curso inicial, em meio à Mata Atlântica, até os trechos canalizados e retificados de seu baixo curso, suas águas foram incorporadas, ao longo do tempo, aos projetos coloniais e imperiais das monoculturas da cana-de-açúcar e do café e da fabricação de pólvora, assim como alimentaram os projetos quilombolas que re(x)istiram a eles. Também foram fonte para o empreendimento paisagístico/agroecológico que resultou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e sua utilização para o abastecimento urbano levou a um ambicioso projeto de reflorestamento no século XIX. Todas essas camadas históricas se atualizam na paisagem urbana contemporânea, refletindo-se na luta da comunidade tradicional do Horto Florestal pelo direito à moradia e pela conservação do rio, assim como pelo resgate de uma memória social que vem sendo apagada com a crescente mercantilização do espaço urbano.

**Felipe Süssekind** é professor do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde participa do Laboratório de Estudos Socioambientais e do Terranias - Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico. Possui doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e pós-doutorado em Filosofia e Questão Ambiental na PUC-Rio. É autor do livro "O Rastro da Onça: relações entre humanos e animais no Pantanal" (Editora 7 Letras, 2014).